

**Intervenções promotoras da capacidade de mentalização e função reflexiva:  
uma revisão integrativa****Interventions to improve mentalization and reflective functioning:  
a scoping review****Intervenciones promotoras de la capacidad de mentalización y función reflexiva:  
una revisión integrativa**Márcia Pinheiro Schaefer<sup>1</sup>, ORCID 0000-0002-4060-5261Débora Becker<sup>2</sup>, ORCID 0000-0002-5556-2567Tagma Marina Schneider Donelli<sup>3</sup>, ORCID 0000-0003-3083-0083<sup>1</sup> *Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil*<sup>2</sup> *Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil*<sup>3</sup> *Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil***Resumo**

Esta revisão integrativa da literatura objetivou sistematizar as possibilidades de intervenções promotoras da Capacidade de Mentalização (CM) e Função Reflexiva (FR), publicadas entre 2008 a 2019. Utilizou-se os descritores “reflective functioning OR mentalizing OR mentalization AND intervention” e incluiu-se artigos empíricos, disponibilizados em Inglês, Português ou Espanhol, provenientes de diferentes áreas. Analisou-se os dados através das categorias: objetivos; delineamentos; participantes; tipo de intervenção utilizada; instrumentos de avaliação da intervenção empregados; resultados. Encontrou-se 34 artigos que predominantemente verificaram a eficácia das intervenções, possuíam delineamento quantitativo, voltados para adultos e, ainda, intervenções com potencial para fortalecer os vínculos pais/cuidadores-criança. Concluiu-se sobre a necessidade de se desenvolver instrumentos específicos para avaliar FR e CM, estudos que abordem a realidade brasileira e, ainda, a sistematização desses conceitos, que na maioria dos artigos, se apresentaram como sinônimos.

**Palavras-chave:** mentalização; intervenção; função reflexiva

**Abstract**

This scoping review explores research conducted between 2008 to 2019, that aims to understand the conceptual use of mentalization (M) and reflective functioning (RF) and explore possibilities for interventions that promote these skills. The review utilized the descriptors “reflective functioning OR mentalizing OR mentalization AND intervention”. Reviewed papers were written in English, Portuguese or Spanish, and covered several research areas. The analysis considered several categories, including aims, study design, participants, type of intervention, intervention assessments and outcomes. Thirty-four papers were considered, most of them using a quantitative approach and addressed to adults and parents/caregivers-infants. The present review highlights the need to develop specific assessments procedures to evaluate RF and M, as well as studies that consider the Brazilian context. The study also emphasizes the need for theoretical systematization of M and RF concepts, considering they are frequently used as synonyms.

**Keywords:** mentalization; intervention; reflective functioning



## Resumen

La presente revisión integrativa exploró investigaciones realizadas entre 2008 y 2019 para sistematizar información acerca del uso conceptual de capacidad de mentalización (CM) y función reflexiva (FR), así como las posibilidades de intervenciones para su promoción. Los descriptores fueron “reflective functioning OR mentalizing OR mentalization AND intervention” en la búsqueda artículos empíricos en inglés, portugués o español, de distintas áreas del conocimiento. El análisis de los datos consideró las categorías: objetivos, diseños, participantes, tipo de intervención utilizada, instrumentos de evaluación de la intervención y resultados. Treinta y cuatro artículos fueron elegidos, en su mayoría cuantitativos, destinados a adultos y padres-bebés. La revisión destaca la necesidad del desarrollo de instrumentos de evaluación específicos para evaluar FR y CM, así como la necesidad de investigaciones que exploren la realidad de países como Brasil. Otro aspecto es la sistematización de los conceptos, ya que, en su mayoría, fueron referidos como sinónimos.

**Palabras clave:** mentalización; intervención; función reflexiva

Recebido: 26/02/2021

Aceito: 25/01/2023

---

*Correspondência: Márcia Pinheiro Schaefer, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil. E-mail: marcialavarda@gmail.com*

Estudos frequentes acerca das interações iniciais pais-bebê e de suas repercussões na formação do psiquismo infantil sugerem que estas são essenciais à sobrevivência psíquica do bebê e têm forte influência sobre sua saúde emocional, sobre a formação de relações sociais posteriores e a capacidade para resolução de problemas (Akhtar, 2007). Evidências empíricas apontam para uma estreita ligação entre as vivências afetivas dos primeiros anos de vida e distúrbios biopsicossociais como transtornos afetivos, ansiosos, estresse crônico e dificuldades psicossociais (Lecannelier, 2006).

O bebê, crianças entre 0 e 24 meses, dotado de um aparato psíquico incipiente, irá se constituir a partir da comunicação inconsciente que firmará especialmente com sua mãe, utilizando-se do psiquismo materno como um ego auxiliar para orientar-se no mundo real (Cramer & Palacio-Espasa, 1993). Desta forma, a herança das vivências maternas das relações reais e fantasiadas com suas figuras parentais irá interferir na interação atual mãe-bebê, facilitando ou dificultando a criação de um vínculo saudável e prazeroso (Feliciano & Souza, 2011).

Neste sentido, as investigações mais recentes, embasadas em estudos primariamente conduzidos nos anos 90 (Fonagy & Target, 1997), têm reconhecido o papel da capacidade de mentalização (CM) e da função reflexiva (FR) como um processo fundamental e implícito às relações de apego entre pais e filhos (Tomlin et al., 2009), desempenhando um papel importante no desenvolvimento socioemocional da criança, no processo de autorregulação das emoções e no desenvolvimento de um apego seguro (Slade, 2005), o que traz reverberações ao longo de toda a vida.

A teoria da mentalização foi desenvolvida por Fonagy e colaboradores na década de 90 (Holmes, 2006) e tem como base teórico-epistemológica a teoria da mente, a teoria do apego, a psicopatologia do desenvolvimento, assim como a neurociência. Ela engloba a CM, que é definida como a capacidade de compreender a si mesmo e aos outros em termos de

processos e estados mentais subjacentes, como sentimentos, desejos e crenças (Fonagy & Allison, 2012), assim como a FR, que consiste na habilidade do sujeito mentalizar seus estados mentais, assim como os dos outros (Slade, 2005), sendo, portanto, a operacionalização da capacidade de mentalização. No âmbito das relações pais/cuidador-criança a habilidade do adulto para refletir o estado interno da criança mediante respostas condizentes com seu estado interno e que expressem suas emoções, e não as projeções parentais, é chamada de função reflexiva parental (FRP) (Ramires & Godinho, 2011). Quanto maior for a FRP, maior será a capacidade parental para lidar com a labilidade emocional do bebê, sem que sejam dominados pelas próprias emoções (Kelly et al., 2005).

A condição materna para manter em sua mente a representação de seu bebê como detentor de sentimentos, desejos e intenções, permitirá a esta o espelhamento e a rerepresentação do estado afetivo da criança, que assim poderá descobrir sua própria experiência interna (Slade, 2005). Este processo, que ocorre conforme o desenvolvimento infantil e a interação mãe-filho, propicia a criação de um vínculo positivo e uma experiência física e psicológica de conforto e segurança para a criança, e possui um papel vital na transmissão transgeracional do apego (Ordway et al., 2015).

Esse vínculo único e significativo com a figura de apego (geralmente a mãe) gera no bebê um senso de segurança, advindo do conhecimento sobre a disponibilidade e sensibilidade maternas. Esse senso de segurança será primordial para o fortalecimento da relação da díade e para o desenvolvimento de uma base segura nas explorações da criança, reverberando ao longo de toda a sua vida (Bowlby, 1989; Dalbem & Dalbosco, 2005). Se nesta relação de apego seguro, os pais responderem aos estados emocionais infantis de forma acolhedora e significativa, através de sua FR, possibilitarão que a criança compreenda e diferencie seus estados mentais e emoções, desenvolvendo uma percepção de si e uma CM (Ensink et al., 2015; Fonagy & Target, 2006; Zevalkink, 2008).

A aquisição da CM, integra assim, um processo intersubjetivo entre pais/cuidador e a criança que possibilitará à última, atingir a autorregulação das próprias emoções, desenvolvendo sua segurança interna, a autoestima, a autonomia e, em última instância, sua própria CM e FR (Fonagy, 1999; Ramires & Schneider, 2010). Mais recentemente, observa-se que estudos baseados na teoria da mentalização têm se dedicado, não só a desvelar a estruturação destas habilidades importantes para a vinculação e desenvolvimento emocional humano, mas também a desenvolver intervenções que se configuram como estratégias de prevenção e promoção da saúde em diferentes contextos e com distintos públicos.

Neste sentido, partindo do entendimento de que a CM e a FR resultam da associação entre vivências infantis e que em situações de impacto emocional intenso, poderão ficar temporariamente obstaculizadas, repercutindo na relação mãe-bebê, no desenvolvimento emocional do último (Mesa & Gómez, 2010) e na qualidade das interações sociais ao longo da vida, torna-se fundamental investigar estratégias de intervenções capazes de aprimorar e promover estas capacidades. Assim este estudo objetivou sistematizar as intervenções que se propuseram a aprimorar ou promover o desenvolvimento da CM e da FR, publicadas entre os anos de 2008 e 2019, a fim de delinear um panorama global acerca da temática proposta. Ainda, considerando que ainda há estudos que utilizam os termos CM e FR como sinônimos (Dalbem & Dalbosco, 2005), evidencia-se também, a necessidade de uma sistematização conceitual acerca de suas configurações a partir da literatura existente.

## Método

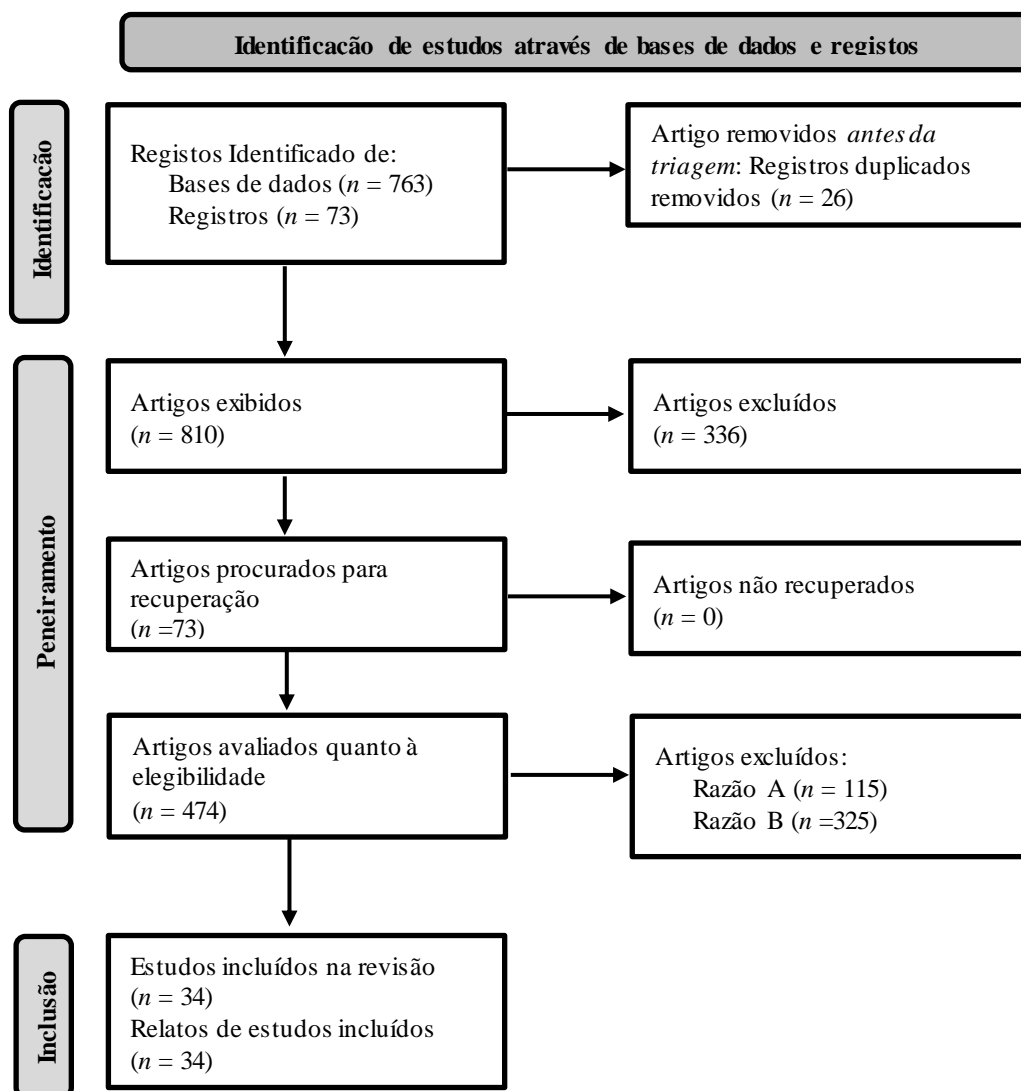
Este estudo de revisão teve como motivação a seguinte questão: quais são as intervenções realizadas nos últimos anos que aprimoram ou promovem a CM e/ou a FR apontadas pela literatura? Buscando respondê-la, efetivaram-se buscas em bases de dados durante o mês de maio de 2020, utilizando-se os descritores assim combinados: “reflective functioning OR mentalizing OR mentalization AND intervention”.

O levantamento bibliográfico ocorreu mediante pesquisas nas bases de dados Academic Search Complete, CINAHL, Medline Complete, Scopus, PsycINFO, LILACS e SciELO, já que o tema é pertinente a campos interdisciplinares como a psicologia, a medicina e a enfermagem. Para fins de acurar a seleção dos artigos, utilizou-se como critérios de inclusão: (a) ser artigo empírico, tese ou dissertação; (b) ter sido publicado entre maio de 2008 a dezembro de 2019; (c) estar o material disponível integralmente; e (d) estar disponível em inglês, português ou espanhol. Como critérios de exclusão, desconsiderou-se estudos: (a) publicados em formato de livro, capítulo de livro, resenhas, artigos teóricos, relatos de experiência, estudos de casos e revisões sistemáticas ou de literatura; (b) não relacionados a intervenções que favoreçam o desenvolvimento da CM e FR.

Ao se iniciar as buscas iniciais, aplicaram-se os filtros: a) ano de publicação, b) artigo científico, e c) artigo revisado por pares. A seguir, efetuou-se a seleção conforme Figura 1, considerando os critérios de inclusão e exclusão.

Nesta etapa, grande parte dos artigos descartados pertenciam à neurociência, com análises do funcionamento cerebral mediante ressonância magnética ou eletroencefalograma e, dentre aqueles que não abordavam o tema, destacaram-se estudos relativos à biologia de insetos, como a análise de estruturas corneanas para compreensão da difração ótica. Ressalta-se que dois juízes independentes efetuaram os procedimentos para seleção dos artigos, a fim de assegurar a qualidade dos achados e diminuir possíveis vieses e, ainda, que para a elaboração desta escrita, utilizou-se as diretrizes do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (Moher et al., 2009; Prisma <[www.prisma-statement.org/](http://www.prisma-statement.org/)>).

**Figura 1**  
Fluxograma do processo de seleção dos artigos



## Resultado e Discussão

Visando realizar uma análise global dos resultados, os artigos que se adequaram aos critérios de inclusão foram submetidos a uma análise quantitativa das categorias a fim de se identificar a frequência de cada item, e qualitativa, para se apreciar o conteúdo delas. Neste sentido, identificou-se que entre 2008 e 2010 não se encontrou publicações a partir dos descritores pesquisados. As primeiras produções datam de 2009, com dois do total dos artigos selecionados (Fonagy et al., 2009; Vik & Hafting, 2009), mesmos índices de 2018 (De Meulemeester et al., 2018; Ordway et al., 2018).

Evidencia-se um aumento de publicações acerca da temática a partir de 2013, sendo que em 2016 e 2019 obteve-se uma maior incidência, totalizando sete dos artigos encontrados em cada um dos anos (Ashton et al., 2016; Barnicot & Crawford, 2019; Bateman et al., 2016;

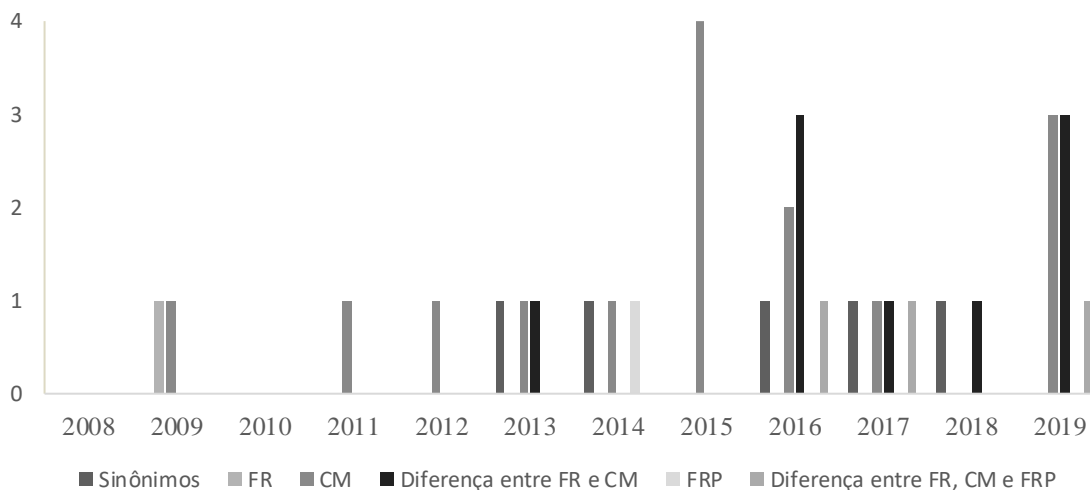
Einy et al., 2019; Enav et al., 2019; Esposito et al., 2019; Griffiths et al., 2019; Hertzmann et al., 2016; Kivity et al., 2019; Meschino et al., 2016; Pajulo et al., 2016; Stacks et al., 2019; Suchman et al., 2016; Ware et al., 2016), sugerindo que neste período houve um maior interesse nas investigações acerca destas intervenções. A seguir, tem-se 2015 (Freda et al., 2015; Howieson & Priddis, 2015; Rice et al., 2015; Rosenblau et al., 2015) e 2017 com quatro artigos divulgados (Bo et al., 2017; Bressi et al., 2017; Edel et al., 2017; Suchman et al., 2017). Os anos de 2013 (Ensink et al., 2013; Ingley-Cook & Dobel-Ober, 2013; Sadler et al., 2013) e 2014 (Bain, 2014; Ordway et al., 2014; Ramsauer et al., 2014), constituem três publicações. Já em 2011 (Twemlow et al., 2011) e 2012 (Jakobsen et al., 2012) o número de artigos obtido em cada ano foi de um.

Percebe-se que a distribuição das publicações por ano reflete a evolução das pesquisas no âmbito da teoria da mentalização, somada ao aprimoramento dos conceitos de CM e FR que vêm sendo realizado por Fonagy e colaboradores desde a década de 90 (Holmes, 2006; Slade, 2007). Ainda, cabe destacar a criação de grupos de estudos específicos dedicados ao desenvolvimento de programas de intervenções para pais e crianças menores em ambiente de alto risco, a exemplo do da Yale Child Study Center, fundado em 2003 (Slade, 2007).

Em uma análise mais detalhada acerca da abordagem dos conceitos de CM e FR ao longo do período desta revisão, observa-se, conforme a Figura 2, que os mesmos despontaram na literatura em 2009, sendo a CM, a temática predominantemente explorada até 2015. Tais resultados corroboram estudo que apontou o aumento expressivo do uso termo mentalização entre 1991 e 2017, que passou de 7 para 844, segundo o buscador Thompson Reuter da Web of Science (Malda-Castillo et al., 2019).

## Figura 2

*Apresentação dos conceitos de FR e CM ao longo do tempo*



Destaca-se ainda, conforme Figura 2, que desde 2013 se observam articulações teóricas sobre a distinção conceitual entre CM e FR, apresentando um pico em 2016 e a partir daí, estiveram presentes nos estudos aqui selecionados. Já a FR, ainda que não estivesse presente no corpo teórico dos estudos científicos, foi tratada por diversos teóricos como sinônimo de CM a partir de 2013, levando a um uso indiscriminado entre ambos os termos,

para defini-los como sendo a percepção de si e dos outros como seres psicológicos, considerando-se pensamentos, sentimentos, intenções, desejos e motivações implícitos aos comportamentos (Ensink et al., 2015).

Dessa forma, percebe-se que a FR foi incorporada, ao longo do tempo, a muitas pesquisas como um instrumento de análise da CM, entendendo-se nestas situações e inclusive na atualidade, como a manifestação observável e mensurável da última (Bain, 2014; Bateman et al., 2016; Bo et al., 2017; De Meulemeester et al., 2018; Pajulo et al., 2016; Ramsauer et al., 2014).

Tal situação pode ter sido gerada pela compreensão inicial de que a CM engloba um comportamento reflexivo e introspectivo que permitirá ao indivíduo, reconhecer em si e nos outros, os estados mentais intencionais e subjacentes às condutas humanas. Entretanto, nota-se diferenças entre eles e embora se encontre na literatura mais recente uma diferenciação clara entre os conceitos de CM e FR, estes ainda são tratados como sinônimos em alguns dos estudos recentes, indicando que são constructos teóricos ainda em estruturação, e por isso, a necessidade de uma maior consolidação teórica acerca deles.

Após a análise do modo de abordagem da temática ao longo do tempo, o exame dos artigos que compuseram esta revisão deu-se mediante as seguintes categorias: 1) Objetivos, 2) Delineamentos, 3) Participantes, 4) Tipo de intervenção utilizada, 5) Instrumentos de avaliação da intervenção, e 6) Resultados. Frente à categoria 1) Objetivos, duas subcategorias foram encontradas: 1a) estudos que objetivaram descrever e explorar os resultados da intervenção aplicada; e 1b) estudos que objetivaram avaliar a eficácia de intervenções.

Destas, destaca-se a 1a, composta por 21 artigos que exploraram as potencialidades da intervenção mediante estudos comparativos de resultados com outras propostas, como na Creating a Peaceful School Learning Environment (CAPSLE), uma intervenção escolar baseada na mentalização, que foi comparada à consulta psiquiátrica escolar manualizada e tratamento usual na redução da agressão e vitimização em estudantes do ensino fundamental (Fonagy et al., 2009). Já o outro, para pacientes com transtorno depressivo maior, comparou os efeitos da terapia cognitiva de terceira onda versus Terapia Baseada na Mentalização (MBT; Jakobsen et al., 2012).

Ainda na subcategoria 1a, outros 18 estudos objetivaram descrever a intervenção e explorar seus resultados a partir dela própria. Dentre estes, estão pesquisas que ocorreram no ambiente escolar (Twemlow et al., 2011); em um cenário forense (Ware et al., 2016); voltado a treinamento de terapeutas iniciantes (Ensink et al., 2013); em terapias de grupo para adolescente com transtorno da personalidade borderline (Bo et al., 2017) e com crianças adotadas ou em processo de adoção (Ingleby-Cook & Dobel-Ober, 2013); no meio hospitalar, com gestantes usuárias de substâncias psicoativas (Pajulo et al., 2016) e com mães com depressão pós parto (Vik & Hafting, 2009); no âmbito clínico, comparando processos de mentalização implícita e explícita entre indivíduos diagnosticados com autismo (Rosenblau et al., 2015); em contexto familiar, voltados a programas de mediação (Howieson & Priddis, 2015) e por fim, aqueles voltados às mães e pais que exploram a FRP (Ashton et al., 2016; Enav et al., 2019; Ordway et al., 2014; Ordway et al., 2018; Stacks et al., 2019).

Já a subcategoria 1b concentrou 13 estudos e objetivaram avaliar a eficácia de intervenções (Bain, 2014; Bateman et al., 2016; Bressi et al., 2017; De Meulemeester et al., 2018; Freda et al., 2015; Griffiths et al., 2019; Hertzmann et al., 2016; Meschino et al., 2016; Ramsauer et al., 2014; Rice et al., 2015; Sadler et al., 2013; Suchman et al., 2016; Suchman et al., 2017;). Destes, 6 abrangeram a CM e RFP (Bain, 2014; Meschino et al., 2016; Ramsauer et al., 2014; Sadler et al., 2013; Suchman et al., 2016; Suchman et al., 2017).

Considerando estes dados, destaca-se que embora a maior parte dos estudos tenham se dedicado à descrição e exploração das intervenções idealizadas ( $n = 18$ ), grande parcela dos objetivos ( $n = 13$ ) concentrou-se em avaliar a eficácia de intervenções relativas à FR e CM em diferentes populações e contextos, denotando uma tendência atual pela busca por práticas, na área da saúde, baseadas em evidências (Melnik et al., 2014). Neste sentido, percebe-se que ao se propor uma intervenção, o interesse e o foco inicial dos pesquisadores é promover, tanto uma prática eficaz, quanto a aplicação de princípios empiricamente baseados em casos clínicos, avaliações psicológicas, intervenções e relação terapêutica (Melnik et al., 2014).

Com relação à análise da categoria 2) Delineamentos, optou-se por dividi-la em subcategorias para uma análise mais aprofundada, sendo elas: 2a) estudos quantitativos; 2b) estudos qualitativos; e 2c) estudos mistos. Destas subcategorias, destaca-se a 2a, contemplando 29 estudos e sendo constituída, em sua maioria, por ensaios clínicos randomizados e estudos piloto, sendo que apenas cinco deles realizaram *follow-up* (Bressi et al., 2017; Einy et al., 2019; Enav et al., 2019; Inglej-Cook & Dobel-Ober, 2013; Ordway et al., 2014).

Com menor ocorrência, três artigos, encontra-se a subcategoria 2b) cujos estudos são de natureza qualitativa (Ordway et al., 2018; Vik & Hafting, 2009; Ware et al., 2016). Já a subcategoria 2c) contou com duas pesquisas de métodos mistos (Hertzmann et al., 2016; Howieson & Priddis, 2015). Assim, percebe-se que há uma tendência em realizar investigações de cunho quantitativo e em especial, estudos randomizados, já que este tipo de ensaio clínico apresenta baixa incidência de vieses, sendo considerado padrão ouro (Leonardi, 2017). Ademais, permite avaliar com rigor científico a eficácia de tratamentos e intervenções psicológicas.

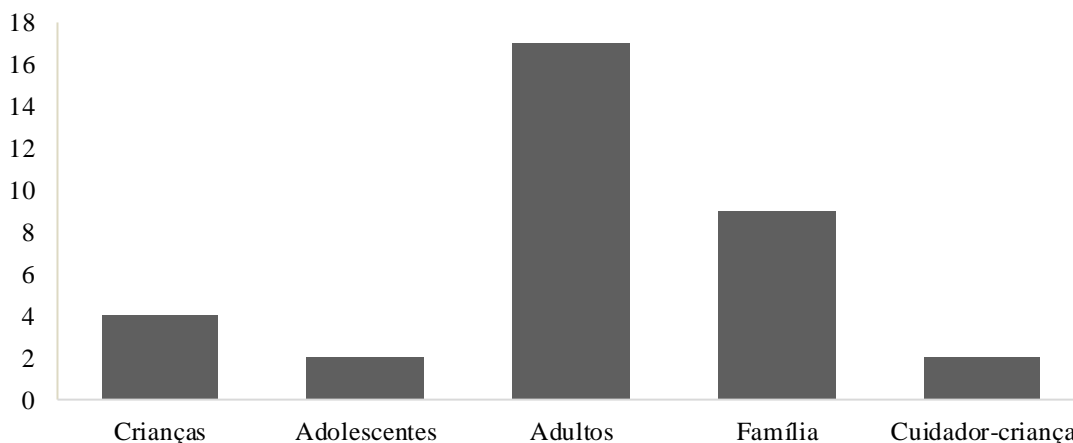
Neste sentido, entende-se que a opção por um delineamento mais controlado e baseado em evidências, está em consonância com o predomínio de objetivos voltados à avaliação de eficácia das intervenções já que ensaios clínicos randomizados e meta-análises vêm sendo considerados importantes instrumentos de validação destas propostas interventivas (Baptista, 2010). Ainda, no sentido de se alinhar com a pesquisa baseada em evidências, o *follow-up*, que é recomendado em estudos de eficácia e efetividade para avaliar a manutenção dos resultados após o término da intervenção, não foi uma ferramenta utilizada na maioria dos estudos, o que também pode ser verificado nos estudos de Volkert et al. (2019) e de Malda-Castillo et al. (2019), onde a maioria dos estudos revisados não fizeram ou não reportaram o *follow-up*.

Já com relação à menor incidência de estudos de natureza qualitativa, cabe destacar que também apresentam potencialidades, uma vez que permitem a exploração e a implementação de novas intervenções, bem como a identificação de procedimentos que podem ser efetivos no âmbito clínico (Leonardi, 2017).

A categoria 3) Participantes refere-se ao público-alvo que compôs as pesquisas, e foi dividida em quatro subcategorias: a 3a) crianças; a 3b) adolescentes; 3c) adultos; 3d) família; e 3e) cuidador-criança. Destas, predomina a subcategoria 3c, totalizando metade dos estudos ( $n = 17$ ) (Barnicot & Crawford, 2019; Bressi et al., 2017; Bateman et al., 2016; De Meulemeester et al., 2018; Edel et al., 2017; Einy et al., 2019; Ensink et al., 2013; Esposito et al., 2019; Freda et al., 2015; Jakobsen et al., 2012; Kivity et al., 2019; Pajulo et al., 2016; Rosenblau et al., 2015; Suchman et al., 2017; Vik & Hafting, 2009; Ware et al., 2016), sendo as demais distribuídas conforme Figura 3.



**Figura 3**  
*Apresentação dos estudos conforme participantes*



A ênfase em ter como participantes a população adulta pode estar relacionada aos trabalhos iniciais de Fonagy e colaboradores, ao desenvolverem a MBT, que originariamente destinou-se a pacientes com transtorno borderline, informação que pode ser corroborada por uma revisão conduzida por Volkert et al (2019), que buscou explorar os tratamentos baseados na mentalização para pacientes diagnosticados com transtorno da personalidade borderline, que apontou que a população adolescente foi menos prevalente nos estudos analisados. Já a expressiva participação de famílias nos estudos, denota a expansão da aplicação dos conceitos de FR e CM para o âmbito das relações entre os sujeitos e para outros contextos.

Referente à categoria 4) Tipo de intervenção utilizada, optou-se por dividi-la em subcategorias, sendo elas: 4a) intervenções em contexto clínico (aplicadas em clínicas e consultórios, que seguem o *setting* padrão das psicoterapias) e 4b) intervenções em outros contextos (aplicadas em ambientes distintos e que não seguem o *setting* padrão das psicoterapias). Aqui destaca-se a categoria 4b), a qual abarca 20 estudos (Bain, 2014; De Meulemeester et al., 2018; Edel et al., 2017; Ensink et al., 2013; Esposito et al., 2019; Fonagy et al., 2009; Freda et al., 2015; Howieson & Priddis, 2015; Ordway et al., 2014; Ordway et al., 2018; Pajulo et al., 2016; Rice et al., 2015; Rosenblau et al., 2015; Sadler et al., 2013; Stacks et al., 2019; Suchman et al., 2016; Suchman et al., 2017; Twemlow et al., 2011; Vik & Haftig, 2009; Ware et al., 2016). Já a categoria 4a) contou com nove estudos (Ashton et al., 2016; Bateman et al., 2016; Bo et al., 2017; Bressi et al., 2017; Hertzmann et al., 2016; Ingley-Cook & Dobel-Ober, 2013; Jakobsen et al., 2012; Meschino et al., 2016; Ramsauer, 2014). Observa-se na Tabela 1, alguns exemplos de intervenções citadas com maior frequência e que ainda não foram retratadas nesta escrita.

**Tabela 1***Exemplos de intervenções encontradas*

<b>Intervenção</b>	<b>No que consiste</b>
Mentalization-Based Therapy for Parental Conflict—Parents Together (MBT-PT) (Herzmann et al., 2016)	Intervenção breve manualizada, de 6 a 12 sessões de 1 hora semanal, adaptada para uso em conflitos interparentais.
Intervenção hospitalar pré-natal (Pajulo et al., 2016)	Uso interativo de ultrassonografia e diário de gravidez.
Marte Meo Intervenção clínica pós-parto (Vik et al., 2009)	Gravações em vídeo das interações mãe-bebê, que são revisadas e editadas com o terapeuta e usadas para o enfrentamento materno.
Circle of Security Intervention (COS) (Ramsauer et al., 2014)	Grupoterapia breve para pais, combinada com técnicas de intervenção.
Minding the Baby (MTB) (Ordway et al., 2014; Sadler et al., 2013)	Visitas domiciliares semanais de equipe multidisciplinar para acompanhar gestantes, do pré-natal até os 2 anos de vida do bebê.
Mothering from the inside out (MIO) (Suchman et al., 2016)	Psicoterapia individual psicodinâmica, baseada na TBM, para manutenção da aliança terapêutica e aprimoramento da CM materna.
New Beginnings (Bain, 2014)	12 sessões de grupoterapia mãe-bebê, com protocolos de intervenção manualizados.
Trauma and Attachment Group (TAG) (Ashton et al., 2016)	Intervenção intensiva de 8 meses, dividida em: (a) estabilização e (b) encorajamento.
Treino de mentalização para futuros terapeutas (Ensink et al., 2013)	Intervenção grupal com uso de práticas de modelagem, vinhetas clínicas e feedback.
MBT (Barnicot & Crawford, 2019; Bateman et al., 2016; Einy et al., 2019; Jakobsen et al., 2012; Ware et al., 2016)	Terapia psicodinâmica de 18 meses, composta por psicoterapia individual e em grupo, combinadas semanalmente e conduzidas por terapeutas diferentes.
MBT combinada com DBT (Terapia Comportamental Dialética) (Edel et al., 2017)	Intervenção grupal que combina MBT e DBT e aborda: significado da mentalização, antecedentes e objetivos do MBT; apego e padrões de apego, entendendo o próprio padrão; mentalizar problemas; pré-requisitos para a mentalização; aprender a mentalizar ("habilidades de mentalização"); reconhecer e lidar com emoções próprias e alheias; reconhecer e lidar com pensamentos próprios e de outras pessoas; reconhecer e lidar com as intenções, desejos e limitações próprios e dos outros.

<b>Intervenção</b>	<b>No que consiste</b>
Grupoterapia baseada na Mentalização para adolescentes (MBT-G) (Bo et al., 2017; Griffiths et al., 2019)	Intervenção de grupo, adaptada do programa original de MTB, com duração de até 1 ano.
Grupo de regulação emocional (Inglej-Cook & Dobel-Ober, 2013)	Intervenção grupal, voltada a crianças adotadas e em processo de adoção.

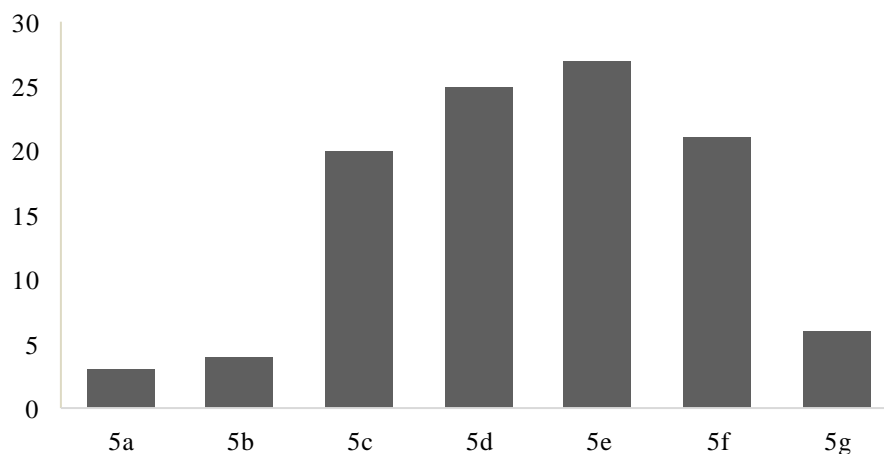
Percebe-se assim, que há uma diversidade de intervenções passíveis de aplicação, que visam desenvolver a CM e FR, sendo que nos últimos 5 anos verifica-se uma ascendência de estudos que consistem em programas estruturados para a promoção da FRP. Entre as intervenções que se destacam nesta revisão, está a MBT, possivelmente por ser foco de atenção de Fonagy e colaboradores, que buscam averiguar evidências de sua eficácia e efetividade. Assim, esta intervenção, vem servindo inspiração para outras propostas, que usam seus princípios teóricos e técnicos.

Evidencia-se, ainda, que grande parte das intervenções desta revisão voltaram-se para o tratamento de psicopatologias, tais como o transtorno da personalidade borderline, os transtornos do espectro autista e o transtorno depressivo maior, ainda que em diferentes contextos, como o clínico, escolar, hospitalar institucional e comunitário.

Quanto à categoria 5) Instrumentos de avaliação da intervenção, observou-se o uso de uma gama de instrumentos ( $n = 107$ ), que avaliaram diversos indicadores de mudança, exigindo a criação em subcategorias para uma melhor exploração. Assim, concebeu-se as seguintes subdivisões: 5a) coleta de dados sociodemográficos da família; 5b) avaliação da aliança terapêutica (AT) e contratransferência (CT) dos participantes para com a intervenção; 5c) FR e CM dos participantes; 5d) sintomatologia psicológica dos participantes; 5e) Interação mãe-criança; 5f) Funcionamento e desenvolvimento global dos participantes; 5g) Avaliação específica da intervenção. O número total de instrumentos obtidos, constam na Figura 4.

#### **Figura 4**

*Distribuição dos instrumentos por subcategoria*



Neste sentido, destaca-se a subcategoria 5e, que concentrou 27 instrumentos que captaram desde a sensibilidade materna, tipos de apego presente, ajustamento social e o tipo de interação da dupla mãe-criança. Dentre os instrumentos deste recorte, o Strange Situation Procedure (SSP) foi o mais usado ( $n = 3$ ) (Ramsauer et al., 2014; Sadler et al., 2013; Suchman et al., 2017), seguido de sessões de hora do jogo mãe-criança ( $n = 2$ ) (Ordway et al., 2018; Suchman et al., 2016).

A seguir, encontra-se a subcategoria 5d, centralizando 25 instrumentos empregados para avaliar características maternas como ansiedade, depressão, estresse, alexitimia e personalidade borderline. Destaca-se aqui, o uso do Beck Depression Inventory (BDI), aplicado em cinco estudos (Bateman et al., 2016; Bo et al., 2017; Edel et al., 2017; Jakobsen et al., 2012; Ramsauer et al., 2014). Já nas subcategorias 5c e 5f, abrangendo respectivamente 20 e 21 instrumentos, destaca-se o emprego do Parental Development Interview (PDI) (Enav et al., 2019; Hertzmann et al., 2016; Ordway et al., 2016; Sadler et al., 2013; Suchman et al., 2017) e do Parental Reflective Functioning Questionnaire (PRFQ-1; Ashton et al., 2016; Hertzmann et al., 2016; Pajulo et al., 2016; Ramsauer et al., 2014).

Na subcategoria 5g, que abarcou 6 do total de instrumentos empregados, ressalta-se o uso de entrevistas para avaliar as intervenções em todos os artigos (Hertzmann et al., 2016; Howieson & Priddis, 2015; Ingley-Cook & Dobel-Ober, 2013; Meschino et al., 2016; Ware et al., 2016; Vik & Hafting, 2009). Por último, encontram-se as subcategorias 5a e 5b, cada uma concentrando 3 e 4 instrumentos citados, sendo que as entrevistas semiestruturadas foram empregadas com mais frequência ( $n = 2$ ) na subcategoria 5a (Ordway et al., 2014; Sadler et al., 2013). Na 5b, não houve repetição de instrumentos, sendo aplicados o Working Alliance Inventory-Revised (Sadler et al., 2013), a Parenting Alliance Measure (PAM; Hertzmann, 2016), a Countertransference Rating Scale (CRS; Ensink et al., 2013) e o Psychotherapy Q-Sort (Kivity et al., 2019).

Considerando que o tema investigado tem sido explorado e implementado nas últimas décadas, verifica-se que há poucos instrumentos utilizados para avaliar especificamente a intervenção, havendo apenas um instrumento desenvolvido para este fim, o Revised MIO/PE Adherence Rating Scale (Sadler et al., 2013; Suchman et al., 2017), que avaliou a eficácia da intervenção MIO. Tal condição pode ser a responsável pela vasta variabilidade de instrumentos encontrada, sendo estes usados na avaliação de diferentes marcadores de mudança que nortearam as discussões acerca dos resultados produzidos pelas intervenções. Segundo Baptista (2010), apesar de limitações no campo de estudos sobre evidência de eficácia nos processos psicoterápicos é possível estabelecer protocolos de avaliação e procedimentos acurados, como a meta-análise.

A categoria 6) Resultados demonstrou que as intervenções propostas, em sua maioria, têm obtido resultados satisfatórios ( $n = 23$ ) (Bain, 2014; Bateman et al., 2016; Edel et al., 2017; Einy et al., 2019; Enav et al., 2019; Ensink et al., 2013; Fonagy et al., 2009; Freda et al., 2015; Griffiths et al., 2019; Howieson & Priddis, 2015; Kivity et al., 2019; Meschino et al., 2016; Ordway et al., 2018; Rice et al., 2015; Rosenblau et al., 2015; Sadler et al., 2013; Stacks et al., 2019; Suchman et al., 2016; Suchman et al., 2017; Twemlow et al., 2011; Vik & Hafting, 2009; Ware et al., 2016). Dentre elas, as intervenções baseadas na MBT têm-se mostrado eficazes, gerando redução na gravidade de sintomas em pacientes borderline ou com transtorno de personalidade antissocial (Bateman et al., 2016; De Meulemeester et al., 2018; Edel et al., 2017; Einy et al., 2019), melhorias na gestão de comportamentos e emoções

(Ware et al., 2016), assim como na CM e nos padrões de apego estabelecidos entre pares (Bo et al., 2017).

A MBT, quando combinada com a Terapia Comportamental Dialética (DBT), obteve resultados ainda mais satisfatórios na redução do apego inseguro e na melhoria da CM em pacientes com personalidade borderline (Edel et al., 2017). Isto ocorre pelo fato de que ambas as abordagens priorizam a criação de uma relação de segurança na terapia, do uso da empatia e validação na relação recíproca, do fortalecimento das capacidades do paciente para reduzir comportamentos impulsivos, assim como o aumento da autoconsciência (Swenson & Choi-Kain, 2015).

Por outro lado, estudo conduzido por Jakobsen et al. (2012) apontou que a terapia cognitiva de terceira onda pode ser mais efetiva que a MBT frente a sintomas depressivos. Da mesma forma apontou o estudo de Barnicot e Crawford (2019), especialmente no que se refere à redução de comportamentos auto lesivos ao longo do tempo. No entanto, sugere-se que mais ensaios clínicos randomizados sejam realizados para avaliar os efeitos destas diferentes abordagens. Ademais, cabe salientar que estudos que se propuseram a avaliar a eficácia de intervenções que utilizaram a DBT têm se mostrado mais prevalentes na última década.

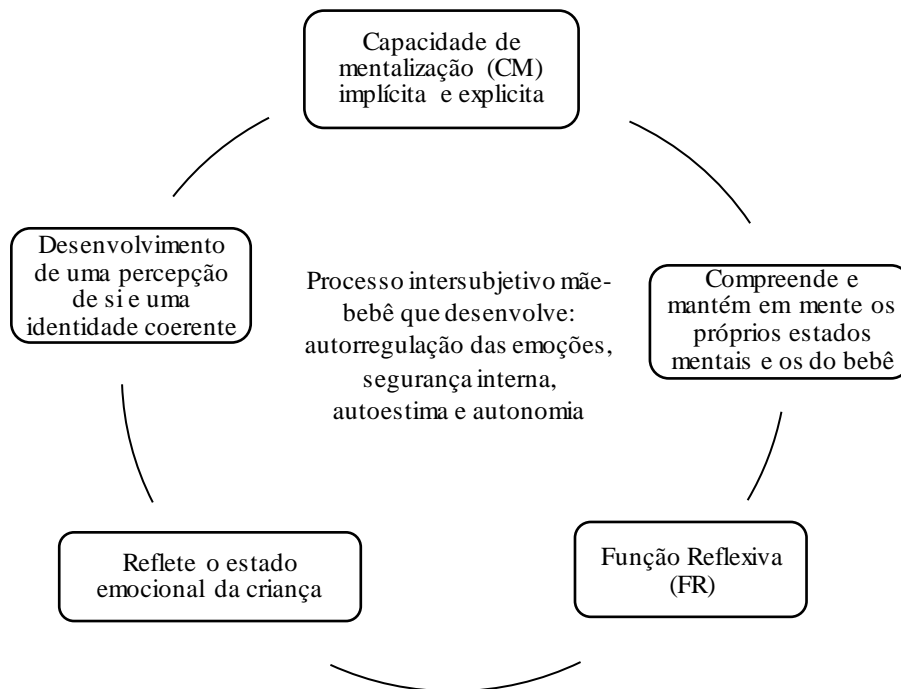
### **Considerações finais**

A elaboração desta revisão integrativa permitiu uma compreensão ampla acerca da temática proposta e de sua aplicabilidade entre os anos de 2008 a 2019. Destaca-se que CM e FR são conceitos relativamente novos na psicologia, que vêm sendo explorados nas últimas décadas, com um expressivo número de publicações no ano de 2016.

Embora sejam constructos distintos, a FR foi apresentada em diferentes estudos, como equivalente à CM. Em virtude disso, instrumentos que avaliam a FR foram sistematicamente usados nas pesquisas desta revisão, para medir a CM, denotando-se uma escassez de ferramentas voltadas a sua investigação e a necessidade de investimentos relativos à construção de recursos para avaliação de ambos os constructos, de forma distinta.

Por outro lado, à medida que as pesquisas avançaram e se expandiram para diferentes contextos, foi-se delineando uma diferenciação importante entre CM e FR, que agrega à primeira, uma nova dimensão, a da habilidade do indivíduo de refletir ou retratar ao outro os estados mentais do segundo, que em um momento anterior, foram reconhecidos e compreendidos pelo primeiro, através de sua CM. Assim, entendendo que CM e FR são habilidades distintas em seus elementos constitutivos, sugere-se que a literatura considere suas características peculiares e a interdependência entres ambos, conforme Figura 5, já que uma pessoa pode apresentar uma adequada CM e dificuldades em sua FR, ainda que o inverso não se aplique.

**Figura 5**  
*Interdependência entre os conceitos de CM e FR*



*Fonte.* Figura elaborada por Márcia Pinheiro Schaefer para este artigo.

Desta forma, embora a maior parte das pesquisas avaliadas neste estudo objetivou verificar a eficácia de intervenções voltadas à promoção da CM e FR, possivelmente expressando um movimento voltado à avaliação de resultados a fim de consolidar as propostas relacionadas à temática e à necessidade de se construir práticas baseadas em evidências, entende-se que se inaugura um novo momento. À medida que a produção científica tem apontado para resultados positivos quanto à aplicabilidade e produção de mudanças significativas destas intervenções através de estudos prioritariamente quantitativos, cabe agora aos pesquisadores voltarem-se às especificidades destas propostas, bem como sua abrangência em diferentes contextos através de delineamentos qualitativos ou mistos, que têm em seu âmago, esta característica.

Frente às intervenções que fizeram uso da MBT, sugere-se que os ensaios clínicos randomizados sejam mais explorados a fim de confirmarem a eficácia dessa abordagem. Outro ponto a destacar refere-se à importância de realizar estudos com *follow-up*, os quais contribuem para aumentar a eficácia e efetividade da pesquisa, assim como identificar possíveis mudanças nas intervenções ao longo do tempo.

Considerando ainda, que os desfechos obtidos nas pesquisas desta revisão apontaram que as intervenções facilitadoras da CM e FR possuem potencialidade para fortalecer os vínculos pais/cuidadores-criança, contribuindo para o estabelecimento de um apego seguro e repercutindo diretamente na formação do psiquismo infantil, torna-se vital ampliar o conhecimento científico acerca das possibilidades destas intervenções em diferentes contextos. Ampliar para diferentes participantes, incluindo díades e tríades pais/cuidadores-

crianças, assim como para diferentes grupos étnicos e com diferenças socioculturais também se faz necessário para que o campo de atuação seja ampliado e um maior número de pessoas possa ser beneficiada. Ademais é vital o desenvolvimento de instrumentos específicos para avaliação dos constructos em questão, bem como estudos que reportem intervenções no Brasil e em demais países da América Latina, uma vez que é uma temática de grande relevância clínica e social.

Como limitações deste artigo, encontra-se a não inclusão de pesquisas brasileiras a partir dos termos de buscas usados, ainda que seja de conhecimento das autoras, a existência de alguns estudos já publicados. Tal fato pode estar relacionado ao uso de palavras-chaves não indexadas nas publicações ou ainda, a indisponibilidade de alguns artigos nas bases de dados no momento da consulta. Ademais, evidenciou-se na literatura a falta de um maior aprofundamento teórico acerca dos conceitos de CM e FR, possivelmente por advirem de uma teoria atual e que está em franco desenvolvimento, destacando-se mais uma vez a importância de estudos teóricos que discutam as convergências e divergências dos conceitos.

### Referências

- Akhtar, S. (2007). Primeiros relacionamentos e sua internalização. Em E. Person, A.M. Cooper & G. Gabbard (Eds.), *Compêndio de Psicanálise* (pp. 54-66). Artmed.
- Ashton, C. K., O'Brien-Langer, A., & Silverstone, P. H. (2016). The CASA Trauma and Attachment Group (TAG) Program for children who have attachment issues following early developmental trauma. *Journal of the Canadian Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 25(1), 35-42.
- Bain, K. (2014). "New beginnings" in South African shelters for the homeless: piloting of a group psychotherapy intervention for high-risk mother-infant dyads. *Infant Mental Health Journal*, 35(6), 591-603. <http://doi.org/10.1002/imhj.21457>
- Baptista, M. N. (2010). Questões sobre avaliação de processos psicoterápicos. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 4(2).
- Barnicot, K. & Crawford, M. (2019). Dialectical behaviour therapy v. mentalisation-based therapy for borderline personality disorder. *Psychological Medicine*, 49(12), 2060-2068. <http://doi.org/10.1017/S0033291718002878>
- Bateman, A., O'Connell, J., Lorenzini, N., Gardner, T., & Fonagy, P. (2016). A randomised controlled trial of mentalization-based treatment versus structured clinical management for patients with comorbid borderline personality disorder and antisocial personality disorder. *BMC Psychiatry*, 16(1), 304. <http://doi.org/10.1186/s12888-016-1000-9>
- Bo, S., Sharp, C., Beck, E., Pedersen, J., Gondan, M., & Simonsen, E. (2017). First empirical evaluation of outcomes for mentalization-based group therapy for adolescents with BPD. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 8(4), 396. <http://doi.org/10.1037/per0000210>
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura*. Artes Médicas.
- Bressi, C., Fronza, S., Minacapelli, E., Nocito, E. P., Dipasquale, E., Magri, L., Lionetti, F., & Barone, L. (2017). Short-term psychodynamic psychotherapy with mentalization-based techniques in major depressive disorder patients: relationship among alexithymia, reflective functioning, and outcome variables—a pilot study. *Psychology and Psychotherapy: theory, research and practice*, 90(3), 299-313. <http://doi.org/10.1111/papt.12110>

- Cramer, B. & Palacio-Espasa, F. (1993). *Técnicas psicoterápicas mãe/bebê*. Artes Médicas.
- Dalbem, J. X. & Dalbosco, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24.
- De Meulemeester, C., Vansteelandt, K., Luyten, P., & Lowyck, B. (2018). Mentalizing as a mechanism of change in the treatment of patients with borderline personality disorder: a parallel process growth modeling approach. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 9(1), 22. <http://doi.org/10.1037/per0000256>
- Edel, M. A., Raaff, V., Dimaggio, G., Buchheim, A., & Brüne, M. (2017). Exploring the effectiveness of combined mentalization-based group therapy and dialectical behaviour therapy for inpatients with borderline personality disorder—A pilot study. *British Journal of Clinical Psychology*, 56(1), 1-15. <http://doi.org/10.1111/bjc.12123>
- Einy, S., Narimani, M., & Sadeghi-Movahhed, F. (2019). Comparing the effectiveness of mentalization-based therapy and cognitive-analytic therapy on ego strength and defense mechanisms in people with Borderline Personality Disorder. *Quarterly of the Horizon of Medical Sciences*, 25(4), 324-339. <http://doi.org/10.32598/hms.25.4.324>
- Enav, Y., Erhard-Weiss, D; Kopelman, M; Samson, A. C; Mehta, S; Gross, J. J., & Hardan, A. Y., (2019). A non randomized mentalization intervention for parents of children with autism. *Autism Research*, 12(7), 1077-1086. <http://doi.org/10.1002/aur.2108>
- Ensink, K., Fonagy, P., Normandin, L., Berthelot, N., & Biberdzic, M. (2015). O papel protetor da mentalização de experiências traumáticas: implicações quando da entrada na parentalidade. *Estilos Clínicos*, 20(1), 76-91. <http://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v20i1p76-91>
- Ensink, K., Maheux, J., Normandin, L., Sabourin, S., Diguier, L., Berthelot, N., & Parent, K. (2013). The impact of mentalization training on the reflective function of novice therapists: A randomized controlled trial. *Psychotherapy Research*, 23(5), 526-538. <http://doi.org/10.1080/10503307.2013.800950>
- Esposito, G., Karterud, S., & Freda, M. F. (2019). Mentalizing underachievement in group counseling: Analyzing the relationship between members' reflective functioning and counselors' interventions. *Psychological Services*, 18(1), 73-83. <http://doi.org/10.1037/ser0000350>
- Feliciano, D. de S. & Souza, A. S. L. (2011). Para além do seio: uma proposta de intervenção psicanalítica pais-bebê a partir de dificuldades na amamentação. *Jornal de Psicanálise*, 44(81), 145-161.
- Fonagy, P. & Allison, E. (2012). What is mentalization? The concept and its foundations in developmental research. Em N. Midgley & I. Vrouva, *Minding the child: Mentalization-based interventions with children, young people and their families* (pp. 11-34). Routledge/Taylor & Francis Group.
- Fonagy, P. & Target, M. (1997). Attachment and reflective function: their role in self-organization. *Development & Psychopathology*, 9(04), 679-700. <https://doi.org/10.1017/s0954579497001399>
- Fonagy, P. & Target, M. (2006). The mentalization-focused approach to self pathology. *Journal of Personality Disorders*, 20(6), 544-576. <http://doi.org/10.1521/pedi.2006.20.6.544>
- Fonagy, P. (1999). Persistencias transgeneracionales del apego: una nueva teoria. *Aperturas Psicoanalíticas*, 3, 1-17.



- Fonagy, P., Twemlow, S. W., Vernberg, E. M., Nelson, J. M., Dill, E. J., Little, T. D., & Sargent, J. A. (2009). A cluster randomized controlled trial of child-focused psychiatric consultation and a school systems-focused intervention to reduce aggression. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50(5), 607-616. <http://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2008.02025.x>
- Freda, M. F., Esposito, G., & Quaranta, T. (2015). Promoting mentalization in clinical psychology at universities: A linguistic analysis of student accounts. *Europe's Journal of Psychology*, 11(1), 34. <http://doi.org/10.5964/ejop.v11i1.812>
- Griffiths, H., Duffy, F., Duffy, L., Brown, S., Hockaday, H., Eliasson, E., Graham, J., Smith, J., Thomson, A., & Schwannauer, M. (2019). Efficacy of mentalization-based group therapy for adolescents: the results of a pilot randomised controlled trial. *BMC Psychiatry*, 19, 167-180. <https://doi.org/10.1186/s12888-019-2158-8>
- Hertzmann, L., Target, M., Hewison, D., Casey, P., Fearon, P., & Lassri, D. (2016). Mentalization-based therapy for parents in entrenched conflict: a random allocation feasibility study. *Psychotherapy*, 53(4), 388. <http://doi.org/10.1037/pst0000092>
- Holmes, J. (2006). Mentalizing from a psychoanalytic perspective: What's new? Em J. Allen & P. Fonagy (Eds.), *The Handbook of Mentalization Based Treatment* (pp. 31-50). John Wiley & Sons.
- Howieson, J. & Priddis, L. (2015). A Mentalizing-based approach to family mediation: harnessing our fundamental capacity to resolve conflict and building an evidence-based practice for the field. *Family court review*, 53(1), 79-95. <http://doi.org/10.1111/fcre.12132>
- Ingleby-Cook, G. & Dobel-Ober, D. (2013). Innovations in practice: group work with children who are in care or who are adopted: lessons learnt. *Child and Adolescent Mental Health*, 18(4), 251-254. <http://doi.org/10.1111/j.1475-3588.2012.00683.x>
- Jakobsen, J. C., Gluud, C., Kongerslev, M., Larsen, K. A., Sørensen, P., Winkel, P., Lange, T., Sogaard, U., & Simonsen, E. (2012). 'Third wave' cognitive therapy versus mentalization-based therapy for major depressive disorder: a protocol for a randomised clinical trial. *BMC Psychiatry*, 12(1), 232. <http://doi.org/10.1186/1471-244X-12-232>
- Kelly, K., Slade, A., & Grienberger, J. F. (2005). Maternal reflective functioning, mother-infant affective communication, and infant attachment: exploring the link between mental states and observed caregiving behavior in the intergenerational transmission of attachment. *Attachment & Human Development*, 7(3), 299-311. <http://doi.org/10.1080/14616730500245963>
- Kivity, Y., Levy, K.N., Wasserman, R.H., Beeney, J.E., Meehan, K.B., & Clarkin, J.F. (2019). Conformity to prototypical therapeutic principles and its relation with change in reflective functioning in three treatments for borderline personality disorder. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 87(11), 975-988. <http://doi.org/10.1037/ccp0000445>
- Lecannelier, F. (2006). Estratégias de intervenção temprana em saúde mental. *Revista Psicologia & Sociedade*, 1-9.
- Leonardi, J. L. (2017). Métodos de pesquisa para o estabelecimento da eficácia das psicoterapias. *Interação em Psicologia*, 21(3), 176-186. <http://doi.org/10.5380/psi.v21i3.54757>

- Malda-Castillo, J., Browne, C., & Perez-Algorta, G. (2019). Mentalization-based treatment and its evidence-base status: A systematic literature review. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 92(4), 465-498. <http://doi.org/10.1111/papt.12195>
- Melnik, T., Fernandes de Souza, W., & Regine de Carvalho, M. (2014). A importância da prática da psicologia baseada em evidências: aspectos conceituais, níveis de evidência, mitos e resistências. *Revista Costarricense de Psicología*, 33(2), 79-92.
- Mesa, A. M. & Gómez, A. C. (2010). La mentalización como estrategia para promover la salud mental en bebés prematuros. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 8(2), 835-848.
- Meschino, D. de C., Philipp, D., Israel, A., & Vigod, S. (2016). Maternal-infant mental health: postpartum group intervention. *Archives of women's mental health*, 19(2), 243-251. <http://doi.org/10.1007/s00737-015-0551-y>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., & Altman, D. G. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *Annals of internal medicine*, 151(4), 264-269. <http://doi.org/10.7326/0003-4819-151-4-200908180-00135>
- Ordway, M. R., McMahon, T. J., Kuhn, L. de L. H., & Suchman, N. E. (2018). Implementation of an evidenced-based parenting program in a community mental health setting. *Infant Mental Health Journal*, 39(1), 92-105. <http://doi.org/10.1002/imhj.21691>
- Ordway, M. R., Sadler, L. S., Dixon, J., Close, N., Mayes, L., & Slade, A. (2014). Lasting effects of an interdisciplinary home visiting program on child behavior: Preliminary follow-up results of a randomized trial. *Journal of Pediatric Nursing*, 29(1), 3-13. <http://doi.org/10.1016/j.pedn.2013.04.006>
- Ordway, M. R., Webb, D., Sadler, L. S., & Slade, A. (2015). Parental reflective functioning: an approach to enhancing parent-child relationships in pediatric primary care. *Journal of Pediatric Health Care*, 29(4), 324-334. <http://doi.org/10.1016/j.pedhc.2014.12.002>
- Pajulo, H., Pajulo, M., Jussila, H., & Ekholm, E. (2016). Substance-abusing pregnant women: prenatal intervention using ultrasound consultation and mentalization to enhance the mother-child relationship and reduce substance use. *Infant mental Health Journal*, 37(4), 317-334. <http://doi.org/10.1002/imhj.21574>
- Ramires, V. R. R. & Godinho, L. R. (2011). Psicoterapia baseada na mentalização de crianças que sofreram maus-tratos. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 61-70. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000100008>
- Ramires, V. R. R. & Schneider, M. S. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação? *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 26, 25-33. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100004>
- Ramsauer, B., Lotzin, A., Mühlhan, C., Romer, G., Nolte, T., Fonagy, P., & Powell, B. (2014). A randomized controlled trial comparing Circle of Security Intervention and treatment as usual as interventions to increase attachment security in infants of mentally ill mothers: Study Protocol. *BMC Psychiatry*, 14(1), 24. <http://doi.org/10.1186/1471-244X-14-24>

- Rice, L. M., Wall, C. A., Fogel, A., & Shic, F. (2015). Computer-assisted face processing instruction improves emotion recognition, mentalizing, and social skills in students with ASD. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 45(7), 2176-2186. <http://doi.org/10.1007/s10803-015-2380-2>
- Rosenblau, G., Kliemann, D., Heekeren, H. R., & Dziobek, I. (2015). Approximating implicit and explicit mentalizing with two naturalistic video-based tasks in typical development and autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 45(4), 953-965. <http://doi.org/10.1007/s10803-014-2249-9>
- Sadler, L. S., Slade, A., Close, N., Webb, D. L., Simpson, T., Fennie, K., & Mayes, L. C. (2013). Minding the baby: Enhancing reflectiveness to improve early health and relationship outcomes in an interdisciplinary home-visiting program. *Infant Mental Health Journal*, 34(5), 391-405. <http://doi.org/10.1002/imhj.21406>
- Slade, A. (2005). Parental reflective functioning: an introduction. *Attachment and Human Development*, 7(3), 269-281. <http://doi.org/10.1080/14616730500245906>
- Slade, A. (2007). Reflective parenting programs: theory and development. *Psychoanalytic Inquiry*, 26(4), 640-657. <http://doi.org/10.1080/07351690701310698>
- Stacks, A. M., Barron, C. C., & Wong, K. (2019). Infant mental health home visiting in the context of an infant—toddler court team: Changes in parental responsiveness and reflective functioning. *Infant Mental Health Journal*, 40(4), 523-540. <https://doi.org/10.1002/21785>
- Suchman, N. E., De Coste, C. L., McMahon, T. J., Dalton, R., Mayes, L. C., & Borelli, J. (2017). Mothering from the Inside Out: Results of a second randomized clinical trial testing a mentalization-based intervention for mothers in addiction treatment. *Development and Psychopathology*, 29(2), 617-636. <http://doi.org/10.1017/S0954579417000220>
- Suchman, N. E., Ordway, M. R., de las Heras, L., & McMahon, T. J. (2016). Mothering from the Inside Out: results of a pilot study testing a mentalization-based therapy for mothers enrolled in mental health services. *Attachment & Human Development*, 18(6), 596-617. <http://doi.org/10.1080/14616734.2016.1226371>
- Swenson, C. R. & Choi-Kain, M. D. (2015). Mentalization and Dialectical Behavior Therapy. *American Journal of Psychotherapy*, 69(2), 199-217. <https://doi.org/10.1176/appi.psychotherapy.2015.69.2.199>
- Tomlin, A. M., Sturm, L., & Koch, S. M. (2009). Observe, listen, wonder, and respond: A preliminary exploration of reflective function skills in early care providers. *Infant Mental Health Journal*, 30(6), 634-647. <http://doi.org/10.1002/imhj.20233>
- Twemlow, S. W., Fonagy, P., Sacco, F. C., Vernberg, E., & Malcom, J. M. (2011). Reducing violence and prejudice in a Jamaican all age school using attachment and mentalization theory. *Psychoanalytic Psychology*, 28(4), 497. <http://doi.org/10.1037/a0023610>
- Vik, K. & Hafting, M. (2009). The outside view as facilitator of self-reflection and vitality: A phenomenological approach. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 27(3), 287-298. <http://doi.org/10.1080/02646830802409645>
- Volkert, J., Hauschild, S., & Taubner, S. (2019). Mentalization-Based treatment for personality disorders: efficacy, effectiveness, and new developments. *Current Psychiatry Reports*, 21(4), 21-25. <http://doi.org/10.1007/s11920-019-1012-5>

- Ware, A., Wilson, C., Tapp, J., & Moore, E. (2016). Mentalisation-based therapy (MBT) in a high-secure hospital setting: expert by experience feedback on participation. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 27(5), 722-744. <http://doi.org/10.1080/14789949.2016.1174725>
- Zevalkink, J. (2008). Assessment of mentalizing problems in children. In A.J.E. Verheugt-Pleiter, J., Zevalkink & M.G.C. Schmeets (Eds.), *Mentalizing in children therapy* (pp. 22-40). Karnac.

**Como citar:** Pinheiro Schaefer, M., Becker, D., & Donelli, T. M. S. (2023). Intervenções promotoras da capacidade de mentalização e função reflexiva: uma revisão integrativa. *Ciencias Psicológicas*, 17(1), e-2478. <https://doi.org/10.22235/cp.v17i1.2478>

**Participação dos autores:** Participação dos autores: a) Planejamento e concepção do trabalho; b) Coleta de dados; c) Análise e interpretação de dados; d) Redação do manuscrito; e) Revisão crítica do manuscrito.

M. P. S. contribuiu em a, b, c, d; D. B. em c, d; T. M. S. D. em e.

**Editora científica responsável:** Dra. Cecília Cracco.